

UMA ESTRUTURA TEOLÓGICA PARA A PRÁTICA EVANGELÍSTICA CONGREGACIONAL¹

David J. Peter

Resumo: O artigo usa a moldura das duas justiças, a justiça passiva, a qual trata da ação exclusiva de Deus e a ativa, que foca na ação e responsabilidade humanas, para tratar da missão da igreja em evangelizar. Por um lado, é Deus quem opera tanto o querer como o realizar de toda boa obra, e é o Espírito Santo o único a ser glorificado quando ocorrem conversões. No entanto, mesmo que isso sempre tenha sido e é claro, há controvérsias na condução da evangelização pela igreja e pelos cristãos. Nesse sentido, este artigo apresenta uma estrutura teológica dentro da qual os métodos de evangelização podem ser discutidos de maneira mais fiel pela igreja e os esforços evangelísticos serem praticados de maneira mais frutífera pelas congregações de toda a igreja cristã. A crítica fica por conta do reducionismo, seja na dimensão horizontal e a atividade humana, seja na dimensão vertical, e a obra primária do Espírito Santo na conversão das pessoas.

Palavras-chave: Reduccionismo. Justiça Passiva. Justiça Ativa. Evangelização.

1 Anselmo Ernesto Graff, tradutor. Tradução autorizada pelo Periódico *Concordia Journal* do Concordia Seminary de St. Louis, USA. PETER, David J. Framework for the Practice of Evangelism and Congregational Outreach. *Concordia Journal*, p.203-216, July, 2004.

INTRODUÇÃO

A 62ª Convenção Ordinária da Igreja Luterana-Sínodo de Missouri (LCMS) teve como tema: “Uma Missão Ardente [Acesa]!... até os confins da terra”.² Este tópico “foca a convenção e o Sínodo na missão de Cristo” e destaca a iniciativa missionária da LCMS para a missão no Mundo, “a fim de compartilhar as Boas Novas de Jesus Cristo com 100 milhões de pessoas não cristãs ou não comprometidas com Cristo, até o 500º aniversário da Reforma Luterana, em 2017”. Assim, a convenção, pelo menos em seu tema oficial, pretende concentrar os esforços da igreja na evangelização e no alcance aos descrentes e desigrejados.

Isso por sinal não é novo, uma vez que os temas das convenções sinodais anteriores já haviam promovido uma ênfase evangelística na missão da igreja.³ Esses tópicos acentuaram os esforços do Sínodo para fazer conhecido o amor de Cristo em todo o mundo. “Conte as Boas Novas sobre Jesus”, foi o tema da convenção da LCMS em 2001, na qual “delegados e representantes de todo o Sínodo e dos quatro cantos da terra se reuniram [...] para fazer a missão da igreja, que é contar as Boas Novas sobre Jesus”.⁴ A ênfase na ação missional foi reforçada nesta convenção pela adoção de resolução que exigiu que houvesse uma adição a todas as resoluções e que permanecessem para consideração: “Fica decidido, que toda ação tomada nesta resolução será usada para ajudar a cumprir ‘A Grande Comissão’ e não deverá, de nenhuma maneira, desviar-se ou se distrair da missão principal do reino de Deus aqui na terra”.

Está claro que, pelo menos na história mais recente, as convenções da Igreja Luterana (LCMS) têm afirmado o alcance da sua missão evangelística. No entanto, esse assunto também tem sido um dos mais controvertidos dentro do Sínodo. Embora todas as partes pareçam concordar que a evangelização deve ser realizada pelas congregações, agências de missão,

2 Esse evento foi realizado em março de 2004.

3 Em 1989, o tópico de estudo da 57ª Convenção Regular da Igreja Luterana-Sínodo de Missouri, foi “Conte a todos o que ele fez”. Em 1992, foi “Com grande ousadia, conte a todos o que ele fez”. O tema da convenção, em 1995, foi “Enviados pela bênção de Deus”, e, em 1998, foi “Até os Confins da Terra”.

4 LCMS: Procedimentos da Convenção de 2001 – 61ª Convenção Ordinária (St. Louis: Concordia Publishing House, 2001).

pastores da igreja e leigos da LCMS, há muita discordância sobre como isso deve ser conduzido. Este artigo apresenta uma estrutura teológica dentro da qual os métodos de evangelização podem ser discutidos de maneira mais fiel pela igreja e os esforços evangelísticos serem praticados de maneira mais frutífera pelas congregações de todo o Sínodo.

A ÊNFASE DA EVANGELIZAÇÃO NA IGREJA LUTERANA DOS ESTADOS UNIDOS

A afirmação de que a evangelização deve ser uma prioridade das congregações, agências missionárias, pastores e leigos da LCMS não é nova. O Dr. C. F. W. Walther, o primeiro presidente da Igreja Luterana-Sínodo de Missouri, articulou uma das afirmações mais fortes sobre a necessidade da evangelização:

Vocês veem, caros irmãos, estamos reunidos aqui não para nosso próprio benefício. Nós já estamos salvos, mas ainda há muitos milhões que não têm fé! É por isso que estamos aqui, para que possamos trazer salvação ao maior número possível de pessoas e assim, a triste situação na Cristandade e a corrupção dos pobres e cegos descrentes possam ser remediadas. Apenas por esta razão o Deus gracioso permite que os cristãos vivam na terra, para que possam trazer outros à fé salvadora. Caso contrário, Deus imediatamente levaria um cristão ao céu assim que ele fosse convertido.

Walther afirmou que esse esforço evangelístico não é apenas um propósito do cristão individual, mas também que é uma missão das congregações luteranas e da Igreja Luterana como corpo. Na verdade, essas palavras derivam de seu ensaio sobre “As obrigações de um sínodo evangélico luterano”. Walther disse que um dos principais deveres de um “sínodo que deseja ser e permanecer um sínodo evangélico-luterano” é estar atento “ao crescimento do reino de Cristo e à salvação de almas”.

É significativo que essa ênfase na evangelização tenha sido codificada na constituição da Igreja Luterana-Sínodo de Missouri (LCMS). O Artigo III do documento identifica os objetivos do Sínodo. O segundo de dez objetivos reflete o impulso de projetar o evangelho no mundo através da evangelização congregacional e pessoal. O artigo afirma:

O Sínodo, sob a autoridade das Escrituras e das Confissões Luteranas, deverá:

2. Fortalecer as congregações e os seus membros no testemunho ousado do amor e da obra de Deus, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, por palavras e ações e estender o testemunho do Evangelho a todo o mundo.

A convenção de 1998 da LCMS adotou uma declaração de missão para o Sínodo e que igualmente promoveu o reconhecimento de que o alcance evangelístico é a missão primária da igreja. Essa declaração afirma: “Em gratidão à graça de Deus e impulsionados pelo Espírito Santo por meio da Palavra e dos Sacramentos, a missão da Igreja Luterana-Sínodo de Missouri, é fazer amplamente conhecido o amor de Cristo por meio da Palavra e da ação dentro de nossas igrejas, comunidades e no mundo”.

O Sínodo fez mais do que simplesmente afirmar que a evangelização é uma prioridade. Ele também se comprometeu a apoiar congregações e membros nessa tarefa de testemunhar o evangelho. Assim, buscou identificar como a evangelização pode ser realizada da melhor forma. Em 1953, um departamento especial de evangelização foi estabelecido dentro do Conselho para as Missões na América do Norte. O esforço “Pregando – Ensinando – Alcançando” da época, é creditado por levar a Boa Nova de Jesus Cristo a muitos adultos. Oficinas de evangelização para pastores e leigos foram desenvolvidas nas décadas de 1960, 1970 e 1980. Entre as mais proeminentes estavam os programas de treinamento “Diálogo Evangelístico” e “Oficina de Testemunho”. Na década de 1990, o presidente da LCMS, Al Barry, promoveu a ênfase “Conte as Boas Novas” para o Sínodo. Mais recentemente, o presidente da LCMS, Gerald Kieschnick, iniciou o esforço evangelístico “Uma Missão Ardente [Acesa]! Acendendo Congregações Eficazes”. Esses são apenas alguns exemplos de numerosos esforços oficiais da liderança da LCMS para direcionar as energias do Sínodo para a ação missionária/evangelística.

A CONTROVÉRSIA SOBRE A PRÁTICA EVANGELÍSTICA

No entanto, esse consenso sobre a primazia da missão evangelística não significou que desacordos e até controvérsias estivessem ausentes dentro

do Sínodo de Missouri, sobre a prática da evangelização pessoal e congregacional. Nas últimas décadas, essa controvérsia teve como foco principal a influência do Movimento de Crescimento da Igreja nas congregações luteranas. Pelo menos três resoluções para o Sínodo em convenção foram adotadas que abordam essa questão. Isso, por sua vez, resultou em dois documentos produzidos pela Comissão de Teologia e Relações Eclesiais (CTRE) do Sínodo. Um produzido pelo Grupo de Trabalho de Estratégia de Crescimento da Igreja e um pelo Comitê de Estudo de Crescimento da Igreja. Este último comitê produziu o relatório mais recente, intitulado “Para o bem da Comissão de Cristo”, distribuído em 2001. Os autores deste documento afirmam:

Em uma geração anterior, a unidade da Sínodo de Missouri foi abalada por controvérsias sobre a autoridade divina das Escrituras Sagradas (princípio formal). Nesta geração, a unidade do Sínodo está ameaçada pela diversidade de doutrina e prática originada de influências que têm suas fontes no Evangelicalismo e no Movimento de Crescimento da Igreja. Aqui, o conteúdo do Evangelho está em jogo (princípio material).

No entanto, mesmo esse relatório não foi recebido com concordância universal e plena pelos líderes e pastores do Sínodo. Por exemplo, os executivos de Missão da América do Norte, a organização profissional que compreende os executivos de missão e evangelização dos distritos do Sínodo, adotaram, sem divergência, uma resolução afirmando que o relatório “é teologicamente deficiente, contrário a uma compreensão bíblica de missão e não representa como os executivos e facilitadores de missão realizam o trabalho missionário na América do Norte hoje”.

Alguém pode presumir que todas as partes envolvidas neste desacordo afirmam a autoridade primária das Sagradas Escrituras e a autoridade interpretativa e secundária das Confissões Luteranas para guiar a prática adequada da evangelização. Então, por que não estamos todos em um único pensamento sobre este assunto? Este escritor sustenta que uma razão significativa para a discordância se deve ao fato de que, enquanto a prática da evangelização é realizada em uma matriz bi-dimensional (ou seja, com dimensões vertical e horizontal), muitos a reduzem a uma única dimensão. O conflito surge quando uma parte enfatiza uma única dimensão à virtual

exclusão da outra dimensão, enquanto uma segunda parte reduz a prática do alcance à dimensão que foi negada pela primeira parte.

O presente artigo apresenta uma estrutura na qual ambas as dimensões são vistas como complementares, e não concorrentes, ao mesmo tempo em que reconhece que uma permanece primária. Espera-se que essa estrutura sirva como um guia para o diálogo (na convenção sinodal e na teologia da missão em geral) sobre o tema controverso da prática da evangelização. Também se espera que ajude os membros do Sínodo a tomar medidas em direção a uma caminhada mais harmoniosa e frutífera na prática evangelística congregacional.

UMA ESTRUTURA PARA COMPREENDER A PRÁTICA DA EVANGELIZAÇÃO

Em geral, pode-se identificar duas posições concorrentes (e errôneas) como “redução horizontal” e “redução vertical” na compreensão da prática evangelística da igreja e de sua missão no sentido amplo. Claro, isso continua sendo sem sentido, a menos que os significados de “dimensão horizontal” e “dimensão vertical” sejam definidos. Para fazer isso, primeiro será considerado um quadro para entender a prática da teologia em termos amplos, e então a ideia será aplicada à prática da evangelização.

Este referencial é um dos eixos ou dimensões perpendiculares. Ele se baseia na compreensão dos dois tipos de justiça, conforme originalmente articulado por Lutero e Melancthon (que na verdade distinguiu entre três tipos de justiça, mas ainda dentro de duas dimensões). Robert Kolb e Charles Arand escreveram artigos significativos sobre esse assunto.⁵ Mas este estudo se baseia principalmente em um referencial fornecido por Joel Biermann, em sua dissertação [tese] de Ph.D.⁶ O documento de Biermann tem como tema a prática da ética das virtudes, mas o referencial também

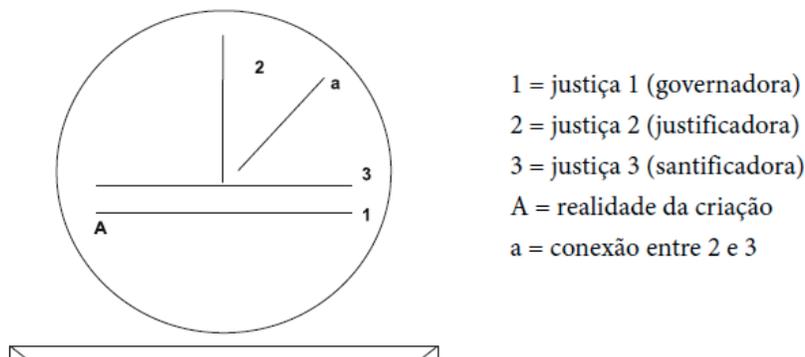
5 Robert Kolb, “Lutero sobre os Dois Tipos de Justiça: Reflexões sobre Sua Definição Bidimensional da Humanidade no Coração de Sua Teologia”, *Lutheran Quarterly* 13:4 (Inverno de 1999), 449-466. Charles Arand, “Dois Tipos de Justiça como Estrutura para a Lei e o Evangelho na Apologia”, *Lutheran Quarterly* 15:4 (Inverno de 2001), 417-439.

6 Joel Biermann, “Ética da Virtude e o Lugar da Formação do Caráter na Teologia Luterana” (dissertação de doutorado, Concordia Seminary, St. Louis, 2002), 149-220. Biermann comenta: “Este quadro não deve ser considerado como uma inovação, mas como uma tentativa de articular e recomendar um paradigma diretor que, conscientemente ou não, se tornou um guia para teologia”.

pode ser aplicado à prática da evangelização.

Em sua essência, essa estrutura distingue entre a justiça *coram hominibus* (diante dos homens), e a justiça que é *coram deo* (diante de Deus). A justiça diante dos homens é visualizada como a dimensão horizontal, representando nossa interação com outros seres humanos. A justiça diante de Deus é visualizada como a dimensão vertical, envolvendo nosso relacionamento com Deus. A justiça horizontal é uma justiça ativa — estamos ativamente envolvidos em buscar essa justiça aos olhos de outras pessoas por meio de nossas boas e sábias ações. A justiça vertical é uma justiça passiva, pois a conformidade diante de Deus só pode ser recebida passivamente pela fé na obra consumada da salvação por causa de Cristo. A justiça horizontal é, como Melancthon colocou, “a justiça da razão”, pois é produzida pela razão humana à medida que o homem estuda a ordem criada. A justiça vertical, entretanto, não pode ser alcançada através da razão humana, pois, como Lutero sustenta no Catecismo Menor, “Acredito que não posso, pela minha própria razão ou força, crer no Senhor Jesus Cristo nem vir a ele”.⁷

Biermann representa visualmente a ideia central dessa estrutura e comenta sobre ela:



7 Biermann afirma que este é “um quadro suficientemente amplo para lidar com toda a teologia” (Ibid., 200-201). Charles Arand aplicou uma estrutura semelhante à prática da liderança e administração pastoral em seu ensaio não publicado, “Entre Dois Mundos: O Desafio da Igreja e do Ministério no Século 21”, 3 de dezembro de 2001. Um relatório do CTCR aplica esta estrutura à prática de dons espirituais (ver Dons Espirituais: Um Relatório da Comissão sobre Teologia e Relações com a Igreja da Igreja Luterana-Sínodo de Missouri – St. Louis: A Igreja Luterana – Sínodo de Missouri, 1995, 46-68).

Na figura anterior, os três tipos de justiça estão novamente presentes. A justiça 1 é a justiça governamental, a moralidade de todas as pessoas *coram hominibus* [“diante dos homens”], e encontra sua fundamentação na ação de criação de Deus. A justiça 2 é a justiça justificadora. É aqui, na dimensão vertical, *coram deo*, que a realidade da dualidade lei/evangelho reina sozinha. Esta justiça vertical é declarada pelo Segundo Artigo do Credo e é concedida no Terceiro. A justiça 3, santificante, surge da ação monergista divina da justiça 2 e deve ser unida a ela. O terceiro tipo de justiça é unicamente cristão e impulsionado pelas verdades do Segundo Artigo, mas é levado de volta ao mundo criado do Primeiro Artigo. Aqui, o cristão busca levar uma vida virtuosa *coram hominibus*, mas uma que é certamente agradável a Deus. O amor a Deus e a necessidade do próximo são ambas fontes de motivação. Finalmente, rodeando todo o esquema está o reino da criação, ou o Primeiro Artigo. O abrangente movimento do círculo é destinado a transmitir a verdade de que todas as justiças são realizadas ou praticadas dentro da estrutura do mundo criado por Deus⁸.

É evidente que a prática da evangelização da igreja se encaixa sob o terceiro tipo de justiça, porque o ato de testemunho do cristão é uma manifestação de sua vida de santificação. Nesse sentido, é realizado na dimensão horizontal, pois envolve cristãos interagindo com outras pessoas, especialmente não crentes. No entanto, a prática do evangelismo não é exclusivamente uma preocupação da dimensão horizontal. De fato, o ato da conversão em si, que é o resultado pretendido da evangelização, cai exclusivamente sob o segundo tipo de justiça, a dimensão vertical. Isso porque a conversão é realizada por Deus, o Espírito Santo e por ele somente.

Ao viver a vida santificada (que inclui a vida de testemunho), o cristão opera nas dimensões vertical e horizontal. Problemas surgem quando o cristão se vê (ou a igreja se vê) funcionando apenas em uma dimensão. Biermann (209) observa:

Os reformadores não tentaram corrigir o ensino errado da igreja substituindo a restrita moldura *coram hominibus* por uma moldura *coram deo* igualmente restrita. Qualquer moldura, quando tornada normativa para toda a vida e experiência humana, colapsa e a justiça

8 Biermann, 201, 202.

em um só eixo termina em erro. A verdade de ambos os aspectos deve ser mantida dentro da estrutura mais ampla do credo que reflete a vontade e a atividade de Deus em favor do homem em todas as áreas da vida.

O erro de muitos é que eles colapsam a prática da missão e da evangelização em uma das duas dimensões, em vez de defenderem ambos os eixos perpendiculares. Consequentemente, alguns reduzirão à dimensão horizontal para se tornar o único contexto para a evangelização. Outros reduzirão à dimensão vertical a esse papel. Veremos agora como esses erros se manifestam e como dificultam a obra de evangelização. Depois buscaremos orientação para incorporar as dimensões horizontal e vertical na prática evangelística.

REDUCCIONISMO DA DIMENSÃO HORIZONTAL

Os problemas surgem quando a prática evangelização é reduzida apenas à dimensão horizontal. Isso ocorre quando a prioridade é colocada na atividade humana que ocorre nos programas e esforços de evangelização. O referencial dessa abordagem é semelhante ao das estratégias seculares de *marketing*: o público-alvo “compra” o produto. Em outras palavras, o que se afirma ser eficaz no programa de extensão de uma igreja é a sua sensibilidade e domínio da cultura humana, da comunicação, do *marketing* e da dinâmica organizacional. O sucesso é definido e medido de acordo com os padrões dos negócios e do comércio (ou seja, o que parece ser um *coram hominibus* bem-sucedido).

É difícil imaginar pastores ou congregações da igreja que não afirmem o papel do Espírito Santo na evangelização (isto é, a dimensão vertical) como afirmado nas Sagradas Escrituras e nas Confissões Luteranas. No entanto, a evangelização congregacional praticada por alguns, revela um colapso na dimensão horizontal. Esta abordagem unidimensional manifesta-se por uma preocupação ou paixão pelos conhecimentos de *marketing*, técnicas de comunicação, gestão e posicionamento estratégico que predominam sobre a proclamação do evangelho.

Richard John Neuhaus identificou sete proposições que podem caracterizar o que é aqui referido como sendo o reduccionismo da dimensão horizontal:

1. o propósito controlador da igreja é a evangelização definida como *marketing* para o recrutamento de novos membros;
2. a igreja não é uma comunidade moldada normativamente no tempo, mas uma empresa cujo produto devemos conceber e comercializar;
3. o estilo ou formas de vida da igreja são dispensáveis se servirem aos objetivos de *marketing*;
4. os meios de graça são definidos como meios de eficácia;
5. a eficácia é medida pela resposta do público na forma de experiências espirituais;
6. a pregação da cruz é justificada pelo sucesso na experiência pessoal e no crescimento institucional;
7. a nossa confiança na relação com Deus baseia-se na experiência que identificamos como experiência de Deus.⁹

Christian Schwarz identifica esta abordagem unidimensional como um paradigma “tecnocrático”, no qual “a importância das instituições, programas, métodos, etc., é superestimada”.¹⁰ O termo “tecnocrático” é útil, porque transmite a compreensão de que o verdadeiro poder de conversão nos esforços de divulgação encontra-se na técnica empregada e não no Espírito Santo agindo através dos meios da graça. Samuel Nafzger descreve este reducionismo da dimensão horizontal na evangelização da seguinte forma:

O Velho Inimigo Maligno procura constantemente perverter o precioso Evangelho, tentando-nos a confundir os meios de divulgação do Evangelho [identificados neste estudo como sendo a dimensão horizontal] com os meios da graça [identificados aqui como sendo a dimensão vertical]. Ele vem até nós com sua voz cativante, dizendo que é o uso dos meios que ganha os perdidos para Cristo e que faz a igreja crescer. Às vezes, esta tentação assume a forma grosseira de tentar nos convencer de que são as nossas técnicas, o nosso planejamento, os nossos modos cativantes, a nossa capacidade de persuasão, as nossas boas intenções, a nossa estratégia que faz a

9 Richard John Neuhaus, “What’s Really Wrong with the Church Growth Movement: The Lutheran Difference”, *Lutheran Forum*, 24. 3 (Agosto de 1990), 24.

10 Christian Schwarz, *Desenvolvimento Natural da Igreja: Um Guia para Oito Qualidades Essenciais de Igrejas Saudáveis* (Carol Stream: Church Smart Resources, 1996), 14.

diferença, que faz a igreja crescer. Quem é que não esteve preparado, numa altura ou noutra, para acreditar precisamente nesta “grande mentira”?¹¹

A prática da evangelização não é uma preocupação exclusivamente da dimensão horizontal. Na verdade, o próprio ato de conversão, que é o resultado pretendido da evangelização, enquadra-se na justiça *coram deo* e, portanto, é vertical. Isso ocorre porque a conversão é realizada por Deus, o Espírito Santo, e somente por ele. A evangelização ocorre na dimensão vertical porque envolve a ação de Deus que traz vida à pessoa anteriormente não regenerada. Embora os *insights* relativos à comunicação e interação humana (*insights* que se originam na dimensão horizontal) possam beneficiar a prática da evangelização, é somente a ação do Espírito Santo, através do evangelho, que efetua a conversão. Consequentemente, a dimensão vertical tem o papel principal no objetivo da evangelização congregacional – a conversão dos perdidos. Quando os esforços ou técnicas humanas são identificados como tendo o papel principal, o evangelho é obscurecido. É por isso que o reducionismo da dimensão horizontal é tão mortal para a prática da missão evangelística.

REDUCIONISMO DA DIMENSÃO VERTICAL

Embora o erro do reducionismo da dimensão horizontal caracterize hoje algumas pessoas na sua prática de evangelização congregacional, há outro erro que também é perigoso. Este erro resulta frequentemente de uma reação contra o reducionismo da dimensão horizontal e ocorre quando se colapsa a prática da evangelização na dimensão vertical, com desrespeito e até mesmo desdém pela dimensão horizontal. Quando isso acontece, a dimensão vertical passa a ser a única matriz para a prática da evangelização.

O reducionismo da dimensão vertical ocorre quando a prática da evangelização é entendida como uma ação puramente de Deus (a vertical), com uma negação do papel humano (a horizontal). A evangelização é reduzida à aplicação dos meios da graça, mas esta aplicação é desprovi-

11 Samuel H. Nafzger, “O Crescimento da Igreja: Os Meios de Graça e o Uso de Meios”, *Issues in Christian Education* (Inverno de 1995), 26.

da – e até se rejeita – do uso de estratégias e métodos de comunicação que podem ser apropriados pelo estudo do comportamento humano, das relações interpessoais e das distinções culturais (isto é, as ciências sociais). Na verdade, um programa de evangelização congregacional que utiliza os conhecimentos da comunicação humana e da dinâmica organizacional, da sociologia ou da antropologia cultural é visto, a partir desta abordagem, como suspeito, na melhor das hipóteses, e provavelmente até pecaminoso.

Um exemplo de adesão a esta posição é um pastor que evita os conhecimentos das ciências sociais por medo de que usá-los seja uma acomodação às influências “mundanas”. Ele está relutante em envolver a cultura por medo de que a cultura possa adular a igreja. Consequentemente, ele hesita em liderar a congregação nos esforços de divulgação do evangelho, porque tal ação envolve a consideração da cultura. Sua prática de evangelização limita-se a proclamar a Palavra pura àqueles que assistem ao culto, administrar corretamente o batismo e catequizar aqueles que se apresentam para instrução. Mas há pouco ou nenhum esforço para expressar a mensagem do evangelho aos que não têm igreja de forma culturalmente sensível.

Alguns afirmam que os luteranos estão mais inclinados a este reducionismo da dimensão vertical do que ao da dimensão horizontal. Samuel Nafzger escreve:

Por outro lado, nós luteranos também somos – talvez eu devesse dizer especialmente – confrontados pela tentação igualmente insidiosa de jogar o uso dos meios contra os meios da graça – o que Bonhoeffer chamou de graça barata. Tão logo se afirme que o crescimento da igreja ocorre unicamente através dos meios da graça na Palavra e no Sacramento, o diabo rapidamente sussurra para nós [citando Bonhoeffer]: Relaxe, vá com calma. Visto que a salvação é somente pela graça – o inimigo não é adverso em usar pedaços de verdade para seus próprios fins – então por que se preocupar com coisas como técnicas e estratégias, com planejamento e programas para divulgar o Evangelho? Por que pensar em tentar conhecer pessoas onde elas estão? O Espírito Santo faz tudo, trabalhando através da Palavra e do Sacramento. Portanto, não faça nada, ou faça do jeito mais fácil ou do jeito que sempre fizemos. Delicie-se com a graça! (Dietrich Bonhoeffer, *O Custo do Discipulado*. Nova York: The Macmillan Company, 1959,35)¹².

12 Nafzger, 26.

As palavras de Bonhoeffer refletem apropriadamente a atitude e a abordagem do reducionismo da dimensão vertical. A afirmação: “O Espírito Santo faz tudo, operando através da Palavra e do Sacramento, portanto, não faça nada”, descreve o colapso apenas na dimensão vertical. A prática da evangelização envolve apenas a ação de Deus separada da atividade humana, especialmente separada do planejamento, estratégia e programação humanos que utilizam os recursos da sociologia, antropologia cultural e comunicação ou teoria organizacional.

No entanto, essa redução da prática evangelística à dimensão vertical é perigosa para a missão da igreja. A razão para isso é porque a prática da evangelização congregacional não é realizada exclusivamente na dimensão vertical, mas também na dimensão horizontal. A evangelização é praticada no âmbito da criaturalidade humana, segundo o Primeiro Artigo do Credo Apostólico.¹³ Ela é também realizada no âmbito do Terceiro Artigo do Credo, porque é uma manifestação da vida santificada. O cristão é motivado a evangelizar tanto pelo amor de Deus que o regenerou, quanto pela necessidade do próximo incrédulo que está espiritualmente perdido e destinado à condenação eterna. No entanto, como Biermann deixa claro, a santificação (o Terceiro Artigo) é vivida no âmbito da criação (o Primeiro Artigo).¹⁴

Assim, menosprezar alguns dos conhecimentos das ciências sociais e dos estudiosos culturais é dificultar os esforços da igreja para comunicar o evangelho. É verdade que essas percepções devem ser avaliadas criticamente para que desempenhem um papel ministerial, e não magisterial, no evangelho, para que “levemos cativo todo pensamento, para torná-lo obediente a Cristo” (2Co 10.5). No entanto, a forma ou método de evangelização é mais eficaz quando considera percepções que estão em conformidade com a forma como Deus criou os seres humanos e o mundo, *insights* que podem até ter sido descobertos por não cristãos (como um sociólogo ou teórico organizacional). Robert Kolb afirma:

13 Biermann refere-se ao “Primeiro Artigo muitas vezes como subvalorizado e esquecido” (203). A doutrina da criação (o Primeiro Artigo) é frequentemente negligenciada ou mesmo negada quando se consideram as várias práticas da igreja, incluindo a prática da evangelização congregacional.

14 Biermann escreve: “Toda a teologia se enquadra na vasta estrutura da criação. A dinâmica lei/evangelho se desenrola dentro dessa estrutura, da mesma forma que a nova vida de obediência do cristão” (200).

Conhecer o texto bíblico não é suficiente para um testemunho cristão eficaz. A tarefa de construir pontes exige um conhecimento dos nossos vizinhos próximos e os crentes devem usar as ferramentas das disciplinas acadêmicas modernas, que também são produtos da mão criativa de Deus, para obterem uma compreensão do mundo que nos rodeia. Os cristãos devem reconhecer que aqueles que praticam estas disciplinas sempre deixam o seu trabalho ser influenciado pelos seus próprios pressupostos e visões do mundo. Não precisamos ser enganados pensando que existe alguma verdade “objetiva” em cada capricho de todo cientista social. No entanto, quaisquer que sejam as ideologias que possam influenciar os praticantes modernos da psicologia, da sociologia ou da antropologia, por exemplo, estas disciplinas ainda nos oferecem os meios para compreender certas categorias em que os nossos contemporâneos pensam, bem como alguns vislumbres precisos das formas como as criaturas humanas funcionam. Estas percepções são úteis e necessárias, tanto para a nossa análise da razão pela qual a vida não está funcionando para a pessoa a quem estamos testemunhando, como também para a nossa formulação da mensagem do dom de Deus de uma nova vida em Cristo para essa pessoa.¹⁵

Dessa forma, a razão humana serve como um esforço evangelístico fiel ao evangelho. Ela reflete o uso ministerial da razão no Terceiro Artigo. Melancthon reconheceu que a justiça horizontal, a “justiça da razão”, é produzida quando o homem prega a sua razão para estudar a ordem criada e a usa para os propósitos de Deus. E, certamente, um dos propósitos principais de Deus para o seu povo redimido é alcançar a mensagem do evangelho para aqueles perdidos na sua incredulidade.

CONCLUSÃO: A EVANGELIZAÇÃO CONGREGACIONAL EM DUAS DIMENSÕES

Samuel Nafzger observa: “Sempre haverá algo um pouco misterioso na maneira como a igreja cresce. Quanto mais estudo teologia, mais me convenço de que o erro, na maioria das vezes, é o resultado de ensinar uma verdade fora do contexto, que é pegar um pedaço da verdade e

15 Robert Kolb, *Comunicando o Evangelho Hoje*, rev. ed. (St. Louis: Concordia, 1995), 16. 36. Ver o comentário de Biermann sobre a abordagem de Melancthon, 174.

agir como se fosse toda a verdade. É verdade que a evangelização é praticada na dimensão horizontal, no âmbito da interação humana. No entanto, essa não é toda a verdade. Da mesma forma, a evangelização se realiza na dimensão vertical, na interação entre Deus e as pessoas. Isso é verdade, mas não é toda a verdade. A verdade é que a evangelização congregacional ocorre em ambas as dimensões, horizontal e vertical. Eliminar um ou outro é ensinar uma verdade fora do seu contexto mais completo, que então se torna erro.

O erro mais comum hoje é que se colapsa a prática da evangelização em uma das duas dimensões, em vez de sustentá-la em ambos os eixos perpendiculares. Assim, alguns reduzem a missão da igreja à dimensão horizontal e dependem do mais recente “método comprovado” para *marketing* da igreja, negligenciando suas implicações teológicas. Outros reduzem a evangelização à dimensão vertical e rejeitam o papel instrumental que os esforços humanos (incluindo estratégias que respondem a culturas e contextos em mudança) têm na missão de alcançar os descrentes. Essa falsa dicotomia impede o trabalho de evangelização que agrada a Deus e é capacitado pelo Espírito. Uma abordagem holística para a missão evangelística incorpora ambas as dimensões.¹⁶

Tendo dito isso, no entanto, deve-se também afirmar que uma dimensão serve à outra. A dimensão horizontal é ministerial à dimensão vertical. *Insights* do Primeiro Artigo da sociologia ou da teoria da comunicação (dimensão horizontal) são usados para expor as pessoas à mensagem do evangelho, através da qual o Espírito Santo converte (dimensão vertical). Como afirma a Fórmula de Concórdia:

E é a vontade de Deus que as pessoas ouçam a sua Palavra e não desliguem os seus ouvidos. Nesta Palavra, o Espírito Santo está presente e abre os corações para que eles possam, como Lídia em Atos 16 [14], ouvi-la e assim se converterem, unicamente pela graça e pelo poder do Espírito Santo, o único que realiza a conversão do

16 Embora não utilize a linguagem das “dimensões horizontais e verticais”, o documento intitulado *Evangelismo e Crescimento da Igreja*, da Comissão de Teologia e Relações da Igreja, da LCMS, reconhece a importância de ambos. Nas suas “Diretrizes para Avaliação” finais, o relatório fornece sete perguntas que identificam (e alertam contra) uma abordagem evangelística que foi essencialmente reduzida à dimensão horizontal (48-49), e seis perguntas que diagnosticam uma abordagem que reflete um colapso na dimensão vertical (49).

ser humano. Pois, além de sua graça, nosso “querer e exercer”, nosso plantar, semear e regar, não significa nada “se ele não der o crescimento” [Rm. 9.16; 1Co 3.7]. Como Cristo diz: “Sem mim nada podeis fazer” [João 15.5].

A obra do Espírito Santo na dimensão vertical é primária. Nossas ações – nosso “querer e exercer” – que são realizadas na dimensão horizontal, são secundárias. No entanto, a atividade humana é necessária para levar a Palavra do evangelho a contextos nos quais pessoas não regeneradas a ouvirão e através dos quais o Espírito Santo gera a fé. Nesse sentido, a dimensão vertical – os meios da graça divinamente designados – é essencial. Essa é a principal questão da missão de evangelizar. Mas, a dimensão horizontal – o uso de métodos e estratégias de alcance orientados por uma compreensão das culturas humanas, da comunicação e dos relacionamentos – também é valiosa em seu papel ministerial.

Esta dimensão está a serviço da evangelização, pois serve para otimizar a audição da palavra de Deus. Como afirma Nafzger:

Planos e estratégias para divulgar o Evangelho, ou seja, para o uso dos meios de graça, quando entendidos como parte da santificação, que por sua vez é resultante da obra do Espírito Santo na vida de pecadores e cujos corações foram convertidos, podem não ser somente vistos como inevitáveis, mas sim, como necessários. O amor de Cristo nos constringe a estar preparados para dar uma defesa da esperança que está em nós e fazê-lo com graça e respeito, utilizando todas as estratégias e técnicas, sendo tudo para todos, para que o Evangelho, pelo qual o Espírito sozinho opera para trazer pecadores à fé em Cristo, possa efetuar seu poder.

Essa compreensão bidimensional da evangelização congregacional é, portanto, nada menos que uma abordagem encarnacional, pois reconhece que a obra de Deus, operada pelo Espírito Santo, na conversão, é realizada dentro do quadro da criação e da natureza criatural dos seres humanos, que são os objetos da redenção de Deus, bem como os agentes de sua missão.